

ANTÔNIO NOBRE E O SIMBOLISMO

SÂNZIO DE AZEVEDO

1. INTRODUÇÃO

Ao inaugurar oficialmente o Simbolismo português, com os seus *Oaristos*, em 1890, Eugênio de Castro, depois de condenar os lugares-comuns da poesia do tempo, fazia questão de proclamar: "Este livro é o primeiro que em Portugal aparece defendendo a liberdade do Ritmo contra os dogmáticos e estultos decretos dos velhos prosodistas", e observava:

*As Artes Poéticas ensinam a fazer o alexandrino com cesura imutável na sexta sílaba. Desprezando a regra, o Poeta exhibe alexandrinos de cesura deslocada e alguns outros sem cesura. Tal fizeram em França, Francis Vielé-Griffin e Jean Moréas.*¹

O poeta citou apenas os predecessores franceses, mas o certo é que no primeiro semestre de 1889 já se travara em Coimbra uma polêmica entre duas revistas literárias, *Os Insubmissos* e *Bohemia Nova*, a propósito dos alexandrinos do "Madrigal Nocturno", de Francisco Bastos, estampado na primeira, versos que apresentavam ictos nas sílabas 4.^a e 8.^a²

Não foi entretanto apenas um nome obscuro como o de Francisco Bastos que apareceu, em Portugal, compondo alexandrinos tripartidos, ou trímetros, antes do livro de Eugênio de Castro: ocorre que Antônio Nobre, poeta de prestígio tão grande quanto o do autor dos *Oaristos*, já compunha, em fins da década de 80, versos com algumas das principais características decadentistas e simbolistas, fato constatado por José Carlos Seabra Pereira, que pesquisou nos periódicos da época. De certa forma podemos refazer o trajeto de Nobre, observando

as datas de seus poemas recolhidos nos livros *Só* e *Primeiros versos*, já que as *Despedidas* reúnem poemas bem posteriores.

No prefácio à segunda edição dos *Oaristos*, de 1899, Eugênio de Castro volta a falar das suas inovações, e assinala, com orgulho:

*Quási todos os meus camaradas, novos e velhos, alguns no galarim, tomaram pelo caminho que eu desbravara. A mobilização da cesura nos alexandrinos, e a dos acentos clássicos no decassílabo, o esmero no emprêgo das rimas, a escolha rigorosa dos epítetos, o alargamento do vocabulário, a restauração dos moldes arcaicos, o verso livre, a aliteração: — todas essas inovações, iniciadas nos Oaristos e continuadas depois nas Horas, são hoje formas correntes na poetica nacional, que, evidentemente, saíu, por via delas, da paralisia que a entrevara.*³

É claro que não pretendemos negar a importância dos *Oaristos* no advento do Simbolismo em Portugal, apesar de algumas novidades dessa obra não terem sido introduzidas na literatura daquele país por Eugênio de Castro. Todavia, a leitura da obra de Antônio Nobre nos mostra que ele não foi um dos que tomaram pelo caminho apontado pelo poeta das *Horas*; Nobre não foi um caudatário de Eugênio de Castro, e chegaria onde chegou sem o livro de seu confrade, porque, a nosso ver, seu Simbolismo vem de fontes mais profundas do que a simples adesão à novidade de um movimento literário.

2. A POESIA DE ANTÔNIO NOBRE

2.1 — *Primeiros Versos*

Autor de três livros, apenas um deles permaneceu "o seu grande e único livro", como lembrou Guilherme de Castilho, acrescentando: "O *Só*, pode dizer-se, é hoje toda a obra do poeta. Pensar em Antônio Nobre é pensar no *Só*."⁴ Entretanto, como julgamos que de um escritor de renome toda a obra deve nos interessar, não nos custa reler algumas páginas dos *Primeiros Versos*, cuja primeira edição é de 1921 e que reúne composições datadas de 1882 a 1889.

O título do livro não corresponde rigorosamente à verdade, uma vez que o *Só* abriga produções anteriores às últimas desse livro, mas, embora os *Primeiros Versos* se constituam de poe-

mas que não mereceram figurar no livro principal, não deixam eles de testemunhar a trajetória de um grande poeta. Nos *Primeiros Versos* está por sinal o mais antigo poema que se conhece de Nobre, o "Intermezzo occidental", vazado em decassílabos e hexassílabos, e datado de 20 de maio de 1882; estava o poeta com menos de 15 anos de idade, nascido que fora no dia 16 de agosto de 1867. Composto de seis estrofes, basta ler a primeira e as duas finais, para que se tenha uma idéia de sua dicção:

*Eu fiz exame de Instrução Primaria
E fiquei reprovado,
Por não ter visto, ó meiga solitaria!
Teu vulto immaculado.*

.....
*E como se a tua alma doidejante
Se unisse a minha flôr!
Eu senti que rompia, triunphante,
O meu primeiro amor.*

*Ficou-me a lira presa em teus cabellos,
E, sem ter de estudar,
Eu conjuguei, ó flôr dos meus anhellos!
O dôce verbo amar!...*

A ninguém será dado censurar os chavões românticos desses versos de um jovem que em tão verdes anos já os trabalhava com tanta segurança, notadamente se lembrarmos que esses lugares-comuns estavam ainda em voga na época...

De 1884 é o soneto "Os rios", onde certo clima de mistério e encantamento pode ser ainda fruto do Ultra-romantismo, mas parece remeter já para o Decadentismo e para o Simbolismo:

*Os rios têm cantigas de ceifeiras,
Balladas exquisitas e formozas...
Ha lá no fundo crystalinas eiras,
Onde bailam crianças vaporozas.*

*De noite pelas horas religiosas,
Os rios têm cantigas de ceifeiras,
E ao verem-nos passar dizem as rozas:
... Agoa que vem de terras estrangeiras!*

*No entanto, como enormes esqueletos
Cobrem o rio as arvores, Hamletos
N'uma postura extatica e silente...*

*E a lua vae boiando, à tona da agoa,
Gemea do amor, dos seculos, da magoa,
Como Ophelia nas agoas da corrente!*

Um soneto sem título, escrito em Leça, em 1887, parece exprimir notas de otimismo nos quartetos e no primeiro terceto; os últimos versos, porém, refletem aquele tédio, aquele *spleen* que envenenou toda uma geração e que está no cerne do espírito decadentista, e do qual disse com propriedade Guy Michaud:

*... de ce sentiment nait le thème de la décadence,
que va cultiver tout d'abord la jeune génération: ce
nouveau mal du siècle, nous pourrions le nommer à
bon droit le "mal de fin de siècle".⁵*

É este o soneto:

*Quizera ser um grande marinheiro,
Um novo astro entre os milhões de soes!
Ser de Albuquerque um filho aventureiro,
Pertencer á familia dos Heroes!*

*Ou então ser um simples pegureiro
Viver, ao Sol, no monte com os bois...
Ou, antes, ser um pescador trigueiro:
Nascer no Oceano e ficar, lá, depois!*

*Quizera ser "alguem": para isso creio
Que vim ao mundo, a Humanidade veiu,
E à vida nos lançaram nossos Paes:*

*Mas o que faço eu, (e o tempo foge),
O que fazemos nós, rapazes d'hoje?
Bebemos e fumamos, nada mais!...*

Na "Ode aos rapazes novos", sem data, mas provavelmente de 1889 (ano em que apareceu na *Bohemia Nova*), o poeta, contrariando seu temperamento suavemente romântico, repete em alexandrinos o que dissera naquele soneto transcrito:

*E, enquanto os pobres vão para o trabalho rude,
Sem forças, sem amor, sem alma, sem saúde,
Deixando o lar amigo, á voz da cotovia,*

*Para ganhar em troca o pão de cada dia,
O que fazemos nós, cheios de esperança e ideais?⁶
Bebemos, ai de nós! fumamos; — nada mais!*

Em seguida, embocando uma tuba de acentos épicos, incita os amigos, aos quais chama de "águias de luz", a desprender "o vôo altivo para o espaço", e diz:

*Quaes guerreiros, vesti as armaduras de aço!
Collae-as bem a vós, para que não sintaes
Cravarem-se no peito as flechas e os punhaes!*

Conta Guilherme de Castilho que era tão patente a influência da eloquência de Junqueiro nestes versos, que os adversários de Nobre passaram a chamá-lo, ironicamente, de "Antônio Junqueiro da Guerra Nobre"...⁷

É interessante assinalar ainda que os dois versos finais desse poema, falando do coração que "Ha-de subir da infancia ás luminosas fragoas, / Ha-de volver á infancia e rejuvenescer, / Como quem vê o sol sumir-se sob as agoas / E sobe aos alcantis para o tornar a vêr!", serão aproveitados no soneto com que se abrirá a primeira edição do *Só*.

Com data de "Coimbra, 1889", o poema "A Nossa Senhora", visivelmente inspirado na famosa ladainha à Virgem, já traz, pelo próprio misticismo do tema, e pela profusão de maiúsculas alegorizadoras, um forte acento simbolista:

*Ó mystica mulher, nascida na Judeia
Phantasma espiritual da legenda christã!
Imperatriz do Céu, que para Além se alteia,
A Nação de que a Terra é uma pequena aldeia,
E simples logarejo a Estrella-da-manhã!*

Sem embargo do segundo verso, que talvez não soasse muito bem a um crente fervoroso, o poema é uma oração à Virgem Maria, e baste-nos para demonstrá-lo a reprodução dos versos finais:

*Ó Leme da Arca-Sancta! Ó Cruz dos sítios ermos!
Toalha de linho! Hostia de luz! Calix da Missa!
Modelo de Pureza! Espelho da Justiça!
Estrella da manhã! Saude dos enfermos!
Ó Virgem Poderosa! Ó Virgem Clementissima!
Ó Virgem Soffredora! Ó Virgem Protectora!
Ó Virgem Piedosa! Ó Virgem Perfeitissima!
Virgem das Virgens! Minha Mãe! Nossa Senhora!*

Temos nessa composição alguns trímetros, ou seja, alexandrinos com ictos nas sílabas 4.^a e 8.^a, por conseguinte com o deslocamento da cesura que Eugênio de Castro dizia inaugurar com os *Oaristos*. É o caso destes versos:

*Ogiva ideal! Cauza das nossas alegrias!
Vime celeste! Agoa do Mar! Pérola Unica!*

São trímetros dos que chamaríamos imperfeitos, pelo fato de serem, pelo menos teoricamente, divisíveis em dois hemistíquios hexassílabos. Há porém nesse mesmo poema trímetros dos que chamaríamos de perfeitos,⁸ indivisíveis, mesmo teoricamente, em dois hemistíquios:

*Carne de Christo! Cidadella de altos muros!
Monte de Jaspe! Roza Mystica! Alvo Pão!
Virgem das Virgens! Minha Mãe! Nossa Senhora!*

Não vamos encerrar as transcrições dos *Primeiros Versos* sem reproduzir um soneto, sem título, escrito em Coimbra em 1889, e onde julgamos já estar o poeta em sua feição definitiva:

*O Poeta, está (deu meia-noite, agora),
Na sua Torre, só, lendo e fumando...
Batem à porta! Quem será a esta hora?
Passa uma escura borboleta, voando!*

*Agoiro. Alguma nova aterradora,
Algum despacho... Mas Joseph, entrando,
Antes que eu falle diz: Uma senhora,
Que me entregou este bilhete, anciando.*

*Uma senhora! Com a mão gelada,
Nervoso, ancioso, pego da targeta
E leio: "Morte, 3, rua do 'Nada'."*

Bem, Joseph! Podes-me ir fazendo a mala,
Porque, segundo as regras da etiqueta,
Não devo demorar muito em pagal-a...

Em seu fundamental *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, José Carlos Seabra Pereira enumera, exemplificando, inúmeros temas característicos desses movimentos, como o pessimismo fatalista, engano e desengano, desânimo e apatia, *taedium vitae*, aristocratismo e insulamento, esoterismo, satanismo e morbidez, inquietação metafísico-religiosa, nevropatia e superstição, fim de raça, fim de século, estesia do repugnante e do fúnebre, formas de evasão, aniquilação do sentir e *mors liberatrix*, avatar do poeta maldito, poente e outono, etc.

Podemos assinalar no soneto acima reproduzido a presença do pessimismo fatalista, nesta antevisão da morte, o que acarreta evidentemente um clima finissecular de decadência; nevropatia e superstição temos no agouro que representa o vôo da borboleta escura. Ao tratar de aristocratismo e insulamento, Seabra Pereira não dá exemplos de Nobre, mas o fato de o poeta estar isolado, ou melhor, só, em sua Torre (Torre que até na vida real sabemos que existiu), não será uma forma de insulamento, e sua postura, neste soneto como em vários outros poemas, não será o de um aristocrata, quando mais não seja, um aristocrata do espírito?

2.2 — Só

Chegamos ao livro máximo de Antônio Nobre; fadado a ser, no Portugal da última década do século XIX, mais atacado do que louvado, o *Só*, publicado em Paris em 1892, não ostentava prefácio que proclamasse sua filiação estética. Mas surgia sob o patrocínio de Leon Vanier, o livreiro que editara Verlaine e outros nomes do Decadentismo francês...

Abre a primeira edição do *Só* o soneto "Memória", que seria substituído, na segunda edição (de 1898), por um poema com o mesmo título, vazado em versos hendecassílabos. A edição que consultamos, a duodécima (Porto, Tavares Martins, 1962), reproduz os dois poemas; o soneto não apresenta separação entre as estrofes:

Aquele que partiu no brigue Boa Nova
E na barca Oliveira, anos depois, voltou:
Aquele santo (que é velhinho e já corcova)
Uma vez, uma vez, linda menina amou:
Tempos depois, por uma certa lua-nova,

*Nasci eu... O velhinho ainda cá ficou,
Mas ela disse: — "Vou, ali adiante, à Cova,
António, e volto já..." E ainda não voltou!
António é vosso. Tomai lá a vossa obra!
"Só" é o poeta-nato, o lua, o santo, a cobra!
Trouxe-o dum ventre: não fiz mais do que o escrever...
Lede-o e vereis surgir do Poente as idas mágoas,
Como quem vê o Sol sumir-se, pelas águas,
E sobe aos alcantias para o tornar a ver!*

Além dos trímetros (os versos 5, 9 e 11), vemos aí o insultamento do poeta-nato, o que não deixa de lembrar a predestinação do Gênio romântico, e, como fecho, os dois versos a que já aludimos, e que figuravam na "Ode aos rapazes novos".

A propósito de aproveitamento de versos antigos, nos *Primeiros Versos* há um poema, "À memória de Antonio Fogaça", composto de duas trovas, e datado de "Coimbra, 25/3/1889":

*— Andas de luto pesado,
Alva irmã das cotovias!
Quem te morreu? O meu Amado:
Enterrou-se, ha oito dias...*

*— Mas (bem sei que o mundo zomba)
Negra irmã das violetas!
Antes te vistas de pomba...
— Mas também ha pombas pretas...?*

No *Só* há dezoito trovas, sob o título geral "Para as raparigas de Coimbra", com data de 1890, e a de número 9 é uma fusão daquelas duas, conservando um verso inteiro sem alteração:

*— É só porque o mundo zomba
Que pões luto? Importa lá!
Antes te vistas de pomba...
— Pombas pretas também há!*

Na "Memória" que abre a segunda edição do *Só*, o poeta se diz nascido não apenas "por uma certa lua-nova", mas acrescenta:

*Mais tarde, debaixo dum signo mofino,
Pela lua-nova, nasceu um menino.*

O pessimismo fatalista está presente em versos como estes:

*Num berço de prata, dormia deitado,
Três moiras vieram dizer-lhe o seu fado
(E abria o menino seus olhos tão doces):
"Serás um Príncipe! mas antes... não fosses."*

.....

*E assim se criou um anjo, o Diabo, o lua;
Ai corre o seu fado! a culpa não é sua!*

Por tudo isso é que o poeta, ao convidar os bons Portugueses a ouvir os carmes que diz ter composto no exílio (apesar de haver poemas não só de Paris, como também de Coimbra, do Porto, de Leça, de Hamburgo, de Belos Ares, do Canal da Mancha, do Golfo de Biscaia, do Mar do Norte e do Oceano Atlântico), faz esta advertência:

*Mas tende cautela, não vos faça mal...
Que é o livro mais triste que há em Portugal!*

O mais antigo poema do livro é o soneto n.º 5, escrito no Porto, em 1884; trata-se de poema em que há mais Romantismo do que qualquer traço de outra estética. Mas, convenhamos, apesar de composto antes daqueles versos de sabor junqueiriano, não nos parece trair influências: são versos do mais autêntico Antônio Nobre:

*lamos sós pela floresta amiga,
Sob o incenso da Lua que se evola,
Olhos no céu, modesta rapariga!
Como as crianças ao sair da escola.*

*Em teus olhos já meigos de fadiga,
Semicerrados como o olhar da rola,
Eu ia lendo essa balada antiga
Duns noivos mortos ao cingir da estola...*

*A Lua-a-Branca, que é tua Avòzinha,
Cobria com os seus os teus cabelos
E dava-te um aspecto de velhinha!*

*Que linda eras, o luar que o diga!
E eu compondo estes versos, tu a lê-los,
E ambos cismando na floresta amiga...*

Tema romântico, mas largamente explorado pelos decadentistas e simbolistas é o da evasão, geralmente em busca do passado, mergulhando o poeta no mundo de sua perdida infância. Nobre, com seu narcisismo e seu solipsismo, não poderia fugir a ele, e um de seus mais belos sonetos, o n.º 4, escrito no Porto em 1886, outra coisa não versa:

*Ó Virgens que passais, no sol-poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar.*

*Cantai-me, nessa voz onnipotente,
O Sol que tomba, aureolando o Mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a Graça, a formosura, o luar!*

*Cantai! cantai as lípidas cantigas!
Das ruínas do meu Lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas*

*Que eu vi morrer num sonho, como um ai...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai!*

Curioso é que na quarta capa da 12.ª edição do *Só* vem impresso em *fac-simile* um manuscrito desse soneto em que o verso 4 está assim:

Que me recorde as afeições do Lar.

Até aí nada haveria de estranho: o poeta teria modificado o verso para a forma em que figura no livro. Acontece, porém, que, no citado manuscrito, vemos claramente que o poeta riscou o vocábulo "omnipotente", do verso 5, e em seu lugar escreveu "adolescente", emenda que não prevaleceu, como vimos. Isso para não falarmos de diferenças de pontuação. Teria Nobre reatado o adjetivo antes repudiado?

Seabra Pereira cita ainda nessa temática de evasão o soneto n.º 16, datado de 1891, e escrito no Canal da Mancha, em cujos quartetos lemos:

Rev. de Letras, Fortaleza, 4/5 (2/1): Pág. 97-120, jul./dez. 1981
jan./jun. 1982

*Ah pudesse eu voltar à minha infância!
Lar adorado, em fumos, a distância,
Ao pé de minha irmã, vendo-a bordar:*

*Minha velha Aia! conta-me essa história
Que principiava, tenho-a na memória,
"Era uma vez..."*

Ah deixem-me chorar!

Na mesma linha estaria ainda, segundo o crítico, o soneto n.º 13, composto em Coimbra, no ano de 1889:

*Falhei na Vida. Zut! Ideais caídos!
Torres por terra! As árvores sem ramos!
Ó meus Amigos! todos nós falhamos...
Nada nos resta. Somos uns perdidos.*

*Choremos, abracemo-nos unidos!
Que fazer? Porque não nos suicidamos?
Jesus! Jesus! Resignação... Formamos
No Mundo, o claustro-pleno dos Vencidos.*

*Troquemos o burel por esta capa!
Ao longe, os sinos místicos da Trapa
Clamam por nós, convidam-nos a entrar:*

*Vamos semear o pão, podar as uvas,
Pegai a enxada, descalçai as luvas
Tendes bom corpo, Irmãos! Vamos cavar!*

Quer-nos parecer, porém, que, além de algumas notas de evasão, o que domina esses versos é uma forte dose de desânimo e apatia, assim como *taedium vitae*, pelo menos nos quartetos; e por que não vemos, na desistência expressa nos tercetos, notas de fim de raça e fim de século, mascaradas por um último e algo postiço alento?

Escrito em Coimbra, em 1888, o poema "Fala ao Coração" está cheio de *taedium vitae*, o que redundava em desânimo e apatia, e até em aniquilamento do sentir e *mors liberatrix*, o que faz com que esses versos se assemelhem a alguns momentos amargos de Camilo Pessanha:

*Meu Coração, não batas, pára!
Meu Coração, vai-te deitar!
A nossa dor, bem sei, é amara,
A nossa dor, bem sei, é amara:
Meu coração, vamos sonhar...
Ao Mundo, vim, mas enganado.
Sinto-me farto de viver:
Vi o que ele era, estou maçado,
Vi o que ele era, estou maçado,
Não batas mais! vamos morrer...
Bati à porta da Ventura
Ninguém ma abriu, bati em vão:
Vamos a ver se a sepultura,
Vamos a ver se a sepultura,
Nos faz o mesmo, Coração!
Adeus, Planeta! adeus, ó Lama!
Que a ambos nós vais digerir.
Meu Coração, a Velha chama,
Meu Coração, a Velha chama:
Basta, por Deus! vamos dormir...*

O ritmo dos octossílabos, invariavelmente com icto nas sílabas 4.^a e 8.^a, e a repetição de quatro versos (seria a repetição do terceiro verso de cada estrofe, fosse o poema dividido em estrofes, pelas rimas) conferem ao poema uma monotonia triste que bem se adapta ao tema onde predomina o tédio.

Também vazado em octossílabos, "Viagens na minha terra", escrito em 1892, em Paris, encerra dupla evasão: rumo à Pátria e rumo à Infância:

*As vezes, passo horas inteiras
Olhos fitos nestas brasiras,
Sonhando o tempo que lá vai;
E jornadeio em fantasia
Essas jornadas que eu fazia
Ao velho Douro, mais meu Pai,*

Na décima-terceira estrofe, mais uma vez se estadeia o pessimismo fatalista do poeta, quando diz:

*Caía a noite. Eu ia fora,
Vendo uma estrela que lá mora,
No Firmamento português:
E ela traça-me o meu fado
"Serás Poeta e desgraçado!"
Assim se disse, assim se fez.*

Massaud Moisés, após transcrever em um seu livro os poemas "Memória" (o da 2.ª edição do *Só*), "Viagens na minha terra" e "Ó Virgens que passais..." (i. e., o soneto n.º 4), observa que, embora se exprima de maneira moderna, ou, "quando pouco, simbolista", pelo fato de construir os poemas através de "manchas" ou "impressões", Antônio Nobre "é uma sensibilidade romântica, expressa de forma ao mesmo tempo simbolista e moderna". Lembra que o Simbolismo desenvolve o Romantismo, como se sabe, e por isso não haveria surpresa em ser o poeta um temperamento romântico. E assinala:

Todavia, cumpre frisar que sua maneira de ser romântico tendia a repetir posições estéticas ultrapassadas, em vez de adaptá-las, à conjuntura coeva e desdobrá-las (como faziam os simbolistas ortodoxos).⁹

Embora tendo afirmado que o poeta, no mesmo tempo que retrocedia ao Romantismo, "avançava para o futuro, pela descoberta de formas novas para revestir o velho", andou bem Massaud Moisés em ressaltar que os três poemas transcritos mostram apenas "algumas das facetas principais da mundividência de Antônio Nobre".¹⁰ Com efeito, parece-nos que as três produções escolhidas pelo crítico paulista, apesar de nos darem uma idéia da poesia de Nobre, deixam de mostrar uma de suas facetas mais importantes, ou seja, a nota decadentista e/ou simbolista, às vezes em seu sentido ortodoxo. Sim, porque não obstante as características decadentistas já apontadas em "Memória", este poema, como "Viagens na minha terra" e o soneto n.º 4, não chegam a ser tão radicais quanto outras composições do *Só*, mesmo lembrando-se que Antônio Nobre não foi dos mais ortodoxos. Basta lembrar que "Viagens na minha terra" levaria (juntamente com outros poemas em que há paisagens e costumes portugueses) Alberto d'Oliveira, grande amigo de Nobre, a ver no *Só* um robusto fruto do que ele chamou de Neogaretismo. Mas mesmo em algumas páginas de evocação da pátria podemos encontrar um clima menos comprometido com o puro Romantismo: tomemos por exemplo "Lusitânia no Bairro Latino" (Paris, 1891-92) e veremos, ao lado da tristeza com que o poeta fala de seu triste fado, com seu engano e seu desengano,

*Menino e moço, tive uma Torre de leite,
Torre sem par!
Oliveiras que davam azeite...
Um dia, os castelo caíram do Ar!*

todo um painel de Portugal, "Terra encantada, cheia de sol", com as suas lavadeiras, suas ceifeiras, seus moleiros, os carros de bois, os choupos, as padeirinhas, as velhinhas fiando nas rocas, os pescadores, os pregões, as romarias, e até mesmo a representação gráfica da pronúncia da terra ou do linguajar do povo simples:

*Senhora d'ajuda!
Ora pro nobis!
Caluda!
Sêmos probes!*

*Senhor dos ramos
Istreia do mar!
Cá bamos!*

Mas, em meio a tanta evocação de coisas simples e belas, a estesia decadentista do disforme e do repugnante está presente em versos como estes:

*Tísicos! Doidos! Nus! Velhos a ler a sinal!
Etnas de carne! Jobes! Flores! Lázaros! Cristos!¹¹
Mártires! Cães! Dálias de pus! Olhos-fechados!
Reumáticos! Anões! Delíriums-trémens! Quistos!*

É bem verdade que essa linguagem rebarbativa pode ter origem em alguns passos d'*A Morte de D. João*, de Guerra Junqueiro, que é de 1874; mas que esses acentos são decadentistas, não há dúvida.

No final do poema, como que condenando a pintura romântica de coisas agradáveis, o poeta, em tom realista (e sabemos o quanto o Decadentismo se aproximou do Realismo e mesmo da ficção naturalista), indaga:

*Qu'é dos Pintores do meu país estranho,
Onde estão eles que não vêm pintar?*

Nessa linha forte e original da poesia de Nobre encontramos "Os Figos pretos", datado de "Coimbra, 1889", composição que podemos dizer "a duas vozes", como se a cada fala de um ator principal respondesse alguém ou um coro: na verdade, a cada estrofe em alexandrinos se segue uma outra, em hendecassílabos e pentassílabos: leiamos as estrofes iniciais e vejamos como a segunda contradiz a primeira, sendo que a instau-

ração de um novo ritmo contribui para reforçar a mensagem da camada semântica:

— *Verdes figueiras soluçantes nos caminhos!*
Vós sois odiadas desde os séculos avós:
Em vossos galhos nunca as aves fazem ninhos,
Os Noivos fogem de se amar ao pé de vós!

— *Ó verdes figueiras, ó verdes figueiras,*
Deixai-o falar!
À vossa sombrinha, nas tardes fagueiras,
Que bom que é amar!¹²

Note-se que a primeira estrofe é toda composta de trímetros, sendo perfeito o primeiro deles, o que reforça a afirmação já feita de que Nobre deslocava cesuras antes da publicação dos *Oaristos*...

Quem por acaso tenha lido do poeta apenas o soneto n.º 4 ("Ó Virgens que passais..."), belo poema, porém de um belo romântico, talvez não imagine que Nobre fosse capaz de derramar tanta amargura em versos tão chocantemente fortes como no soneto n.º 1, escrito em Coimbra ainda em 1889:

Em horas que lá vão, molhei a pena
Na chaga aberta desse corpo amado,
Mas numa chaga a supurar gangrena,
Cheia de pus, de sangue já coalhado!

E depois, com a mão firme e serena,
Compus este Missal dum Torturado:
Talvez choreis, talvez vos faça pena...
Chorai! que imenso tenho eu já chorado.

Abri-o! Orai com devoção sincera!
E, à leitura final duma oração,
Vereis cair no solo uma quimera:

Moços do meu País! vereis então
O que é esta Vida, o que é que vos espera...
Toda uma Sexta-Feira de Paixão!

Há nestes versos notas de pessimismo fatalista, uma vez que todos os jovens estão fadados à mesma angústia; engano e desengano, com a queda das ilusões; estesia do repugnante, nas imagens fortes do primeiro quarteto; acima de tudo, ressal-

te-se, rumo ao Simbolismo puro, a conotação litúrgica presente na alusão a um Missal de um Torturado, e à Sexta-Feira da Paixão, tudo figurando essa mesma angústia. Para alguns deve haver mau-gosto nessa linguagem repugnante (e assim pensaram muitos na época do aparecimento do *Só*), mas o certo é que, como no Naturalismo, essa era uma das linguagens da estética *novista*.

Do mesmo ano e da mesma cidade é o soneto n.º 10, no qual o pessimismo fatalista é idêntico àquele que fez Antero de Quental afirmar "Que sempre o mal pior é ter nascido", e em cujos tercetos dizem:

*Nunca me houvesse dado à luz, Senhora!
Nunca eu mamasse o leite aureolado
Que me fez homem, mágica bebida!*

*Fora melhor não ter nascido, fora,
Do que andar, como eu ando, degredado
Por esta Costa de África da Vida.*

Mas um dos pontos mais altos da desistência decadentista, onde mais aguda e lancinante é a angústia e sobretudo a desesperança do poeta, é o soneto n.º 18, composto em Paris, em 1891:

*E a Vida foi, e é assim, e não melhora.
Esforço inútil. Tudo é ilusão.
Quantos não cismam nisso mesmo a esta hora
Com uma taça, ou um punhal na mão!*

*Mas a Arte, o Lar, um filho, António? Embora!
Quimeras, sonhos, bolas de sabão.
E a tortura do Além e quem lá mora!
Isso é, talvez, minha única aflição.*

*Toda a dor pode suportar-se, toda!
Mesmo a da noiva morta em plena boda,
Que por mortalha leva... essa que traz.*

*Mas uma não: é a dor do pensamento!
Ai quem me dera entrar nesse convento
Que há além da Morte e que se chama A Paz!*

O pessimismo fatalista, com a dura certeza de que tudo é inútil e ilusório; desânimo e apatia diante dessa inutilidade dos sonhos; a inquietação metafísico-religiosa, essa profunda dor

existencial; e afinal o tema da *mors liberatrix*, onde o aniquilamento, i. e., *A Paz* — sintagma em que até o artigo é grafado com maiúscula —, equivale ao Nirvana oriental, introduzido no Simbolismo por intermédio da filosofia pessimista de Schopenhauer.

Aliás, o poema "Males de Antô" (Paris, 1891) tem um verso que de certa forma resume a idéia principal dos sonetos 10 e 18, e é aquele que diz: "Antes não ter nascido. Ó morte, vem buscar-me."

Quatro poemas posteriores a 1892 foram incluídos na segunda edição do *Só*, de 1898: "D. Eguiço" e "Adeus!", de 1893, e "Saudade" e "Ladainha", de 1894, todos de Paris.

A propósito deste último, cabe uma ligeira observação, apenas para acentuar o fato de, mesmo sem ser dos mais ortodoxos, Antônio Nobre haver inaugurado certas ousadias: Mário de Andrade, em seu livro *Há uma gota de sangue em cada poema*, publicado em 1917 sob o pseudônimo de Mário Sobral, incluiu um poema, "Inverno", em que há este trecho:

*De noite tempestuou
chuva de neve e granizo...
Agora, calma e paz. Somente o vento
continua com seu oou...*

É sabido que Oswald de Andrade, já então em sua tentativa de renovar a poesia brasileira, se entusiasmou com essa rima, de *tempestuou* com *oou*. E num livro fundamental para o estudo do Modernismo no Brasil, Mário da Silva Brito comenta o fato: "A inusitada e agressiva rima de Mário de Andrade (...) surgia, aos olhos de Oswald, como uma confirmação às suas frustradas tentativas inovadoras."¹³

Ora, essa rima, que o próprio Mário de Andrade considerou um exagero para 1917, não nos parece mais ousada do que esta, na citada "Ladainha" de Antônio Nobre, de 1894:

*Dorme os teus sonhos, dorme e não mos digas,
Dorme, filhinho! dorme, dorme, "oó" ...
Dorme, minha alma canta-te cantigas,
Que ela é velhinha como a tua Avó!*

Como lembra Guilherme de Castilho, Nobre foi buscar ao Simbolismo apenas aquilo que lhe convinha aproveitar em sua arte, com o que se enriqueceu e se renovou seu romantismo de

raiz; mas não julgamos exata a afirmação de que, quanto ao Simbolismo, "só com a ida para Paris António Nobre terá com ele contactos verdadeiramente frutuozos".¹⁴ A nosso ver, o poeta, que não foi dos mais ortodoxos, já se definira como simbolista ainda em sua terra, na década de 80. E a prova disso, além do que já temos demonstrado, é o clima encantatório e místico de estrofes como a última do poema "Da Influência da Lua", escrito no Porto, em 1886:

*Tardes de Outubro! ó tardes de novena!
Outono! Mês de Maio, na lareira!
Tardes...
Lá vem a Lua, gratiae plena,
Do convento dos céus, a eterna freira!*

2.3 — *Despedidas*

Deste livro, o primeiro publicado após a morte do poeta, pode-se dizer que é obra inacabada. Editado em 1902 (no 2.º aniversário do falecimento de Nobre), por seu irmão Augusto Nobre, reúne produções escritas de 1895 a 1899, durante sua peregrinação em busca de melhoras de saúde. Esclarece Guilherme de Castilho que as composições ali enfeixadas "não se destinavam à publicação imediata" e observa que

*o que poderá concluir quem tiver estudado os seus cadernos, é que António Nobre estaria ainda longe, em algumas delas, de ter chegado à versão que o satisfizesse, dada a multiplicidade de variantes que de cada poesia aí se encontram.*¹⁵

Isso não impede, porém, que haja nas *Despedidas* momentos comparáveis a alguns dos melhores do *Só*. Exemplo é o soneto "Lógica", datado de "Pampilhoza, 1893" (ou a data está errada ou errada a indicação da capa do livro, de que os poemas foram escritos entre 1895 e 1899):

*Ai d'aquelles que, um dia, depozeram
Firmes crenças n'um bem que lhes voou!
Ai dos que n'este mundo ainda esperam!
Terão a sorte de quem já esperou...*

*Ai dos pobrinhos, dos que já tiveram
Oiro e papéis que o vento lhes levou!
Ai dos que tem, que ainda não perderam,
Que amanhã, serão pobres como eu sou.*

*Ai dos que, hoje, amam e não são amados,
Que, algum dia, o serão, mas sem poder!
Ai dos que soffrem! ai dos desgraçados*

*Que, breve, não terão mais p'ra soffrer!
Ai dos que morrem, que lá vão levados!
Ai de nós que ainda temos de viver!*

Continua o poeta a abominar a vida, que para ele é puro engano e desengano. Entretanto, seu pessimismo se amplia nesse soneto, uma vez que lamenta não somente a si mesmo e a tantos quantos ainda tenha de viver (o que coincide com outros passos de sua obra), mas também os que morrem, os que sofrem e os que não sofrerão mais... Em suma: não há salvação nem na morte, o que torna o pessimismo de Nobre nesse poema ainda mais amargo do que o de Schopenhauer!

Todavia, foi esse apenas um instante de pessimismo mais agudo e desesperançado: em "Ao Cair das folhas", composto em Clavadel, Suíça, em outubro de 1895, volta a ver a Morte como a Paz, talvez algo semelhante à Bem-aventurança do Nirvana búdico:

*Pudessem suas mãos cobrir meu rosto,
Fechar-me os olhos e compôr-me o leito,
Quando, sequinho, as mãos em cruz no peito,
Eu me fôr viajar para o Sol-posto.*

*De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com geito.
E eu tão feliz! por não estar affeito,
Hei-de sorrir, Senhor! quazi com gosto.*

*Até com gosto sim! Que faz quem vive
Orpham de mimos, viuvo de esperanças,
Solteiro de venturas, que não tive?*

*Assim, irei dormir com as crianças
Quazi como ellas, quazi sem peccados...
E acabarão enfim os meus cuidados.*

Essa mesma idéia da *mors liberatrix* temo-la no soneto n.º 5, sem título, e cujo terceto final lembra o final do soneto n.º 18 do Só ("Ai quem me dera entrar nesse convento / Que há além da Morte e que se chama A Paz!"); foi escrito em "Berne, maio, 1896":

*Placidamente, bate-me no peito
Meu coração que tanto tem batido!
E para mim, inda este mundo é estreito
P'ra conter tudo quanto eu hei soffrido.*

*Meus dias vão passando como as agoas
Que o vento leva em ondas, ao mar-alto,
E se de noite eu oiço aquellas mágoas
Já não descanço mais, em sobressalto.*

*Placidamente, bate-me no peito
Meu coração em luctas tão desfeito,
Que com a Vida, a Dôr hei confundido.*

*E se se ganha a Paz com o soffrimento,
Deixae-me entrar enfim n'esse Convento...
Pois ha quem tenha, assim como eu, soffrido!*

Observe-se que, neste soneto, os quartetos não rimam entre si, procedimento que tem ligação com o Simbolismo, tendo praticado sonetos assim poetas como Camilo Pessanha, Oliveira-Soares, Carlos de Mesquita e outros, mas que não se encontra em nenhum outro livro de Antônio Nobre. Há vários sonetos assim nas *Despedidas*. Dentre estes, transcrevamos o "Monólogo d'Ocubro", composto na Foz, no ano de 1897, e dedicado "A meu irmão Augusto":

*Outomno, meu Outomno, ah! não te vás embora!
Às minhas, eu comparo as tuas extranhezas.
Ah! nos teus dias não ha Julhos nem aurora,
E só crepusculos... Crepusculos são tristezas!*

*E tu que já passaste o Outomno só commigo
Não pensas ao cahir de tantas agonias
Nas minhas, que tu sabes, ó meu melhor amigo?
Cahi, fôlhas, cahi! tombae melancholias!*

*Ides morrer, folhas! mas morrer que importa?
Lá vae mais uma... mal nasceu e já vae morta.
Levaeas saudades? Coitadinha, sois tão nova!*

*Tendes razão? Nem sei a fallar a verdade.
Tombar quizera eu, só p'ra esquecer. Saudade,
Irmão, não a terei tambem, lá pela cova?...*

Sem falar no verso 3, que é um trímetro (dos que chamamos imperfeito), observe-se que, no verso 4, também com ictos nas sílabas 4.^a e 8.^a, temos de ler o vocábulo "Crepusculos", o segundo, com síncope ("Crepusc'los"); o verso 7, a rigor, tem 13 sílabas; e o verso 9, mesmo com dialefa entre "que" e "importa", é um verso completamente irregular. E ficamos pensando: não seriam algumas dessas irregularidades, que fogem ao espírito das ousadias do poeta, fruto de engano na cópia dos manuscritos? Ou o poeta iria ainda trabalhar esses versos?

E, entre essas irregularidades que fogem à arte poética do autor, destaquemos inúmeros alexandrinos do poema "As senhoras de Lisboa", versos que, longe de apresentarem aquele deslocamento de cesura que era novidade simbolista, retrocedem ao Romantismo (para não irmos à Idade Média), pois são alexandrinos arcaicos ou espanhóis. Este tipo de verso, como o alexandrino clássico, é a junção de dois segmentos hexassílabos, "mas sem observar a técnica francesa na ligação dos hemistíquios", consoante a definição de Leodegário A. de Azevedo Filho, que classifica o alexandrino arcaico como "um verso hipermétrico de treze sílabas ou mais".¹⁶

Reproduzamos apenas um trecho desse poema e vejamos que somente dois versos (os iniciados por "O mar!") têm doze sílabas:

*O mar! como elle conta ás noites tanta historia,
Contos de cavalleiros sublimes de victoria;
Contos de espadas nuas, em mãos desses guerreiros,
E contos de segredo que ouviu aos marinheiros
Lá pelas noites calmas, á luz da Lua branca,*

*Quando choram seus males, que só a Lua estanca.
O mar! o mar, oh sim! O mar é meu amigo.
Quantas vezes sorrindo, vem conversar commigo
N'essas noites tão longas d'infinda solidão
Em que vela no mundo, tão só meu coração!*

Encerremos este comentário sobre as *Despedidas* com a transcrição de um soneto que talvez seja um dos últimos poemas de Nobre, composto que foi em outubro de 1899, em St. Johann-em-Platz: nesses versos palpita o mesmo egocentrismo que fez o poeta derramar-se em tantas confissões: engano e desengano, *taedium vitae*, desânimo e apatia, com apelo à morte libertadora, tudo isso, características mais de Anto do que do Simbolismo, se encontra nestes catorze versos, que podem valer como seu testamento:

*Meu pobre amigo! Sempre silencioso!
Assim eu fui. Scismava, lia, lia...
Mudei no entanto de Philosophia.
Não creio em nada! e fui tão religioso!*

*Tomei parte no Exército glorioso
Que foi bater-se por Israel, um dia!
Cri no Amor, no Bem, na Virgem Maria,
Não creio em nada! tudo é mentiroso!*

*Não vale a pena amar e ser amado,
Nem ter filhos d'um seio de mulher
Que ainda nos vêm fazer mais desgraçado!*

*Não vale a pena um grande poeta ser,
Não vale a pena ser rei nem soldado,
E venha a Morte, quando Deus quizer!*

De tanta descrença (até mesmo na grandeza de sua poesia), restou afinal a crença em Deus, pois só Deus lhe dará o sonhado descanso, a buscada Paz...

3. CONCLUSÃO

Hernâni Cidade, que fala de Nobre não quando estuda o Simbolismo, mas quando se debruça sobre "A poesia do Fim do Século", escreveu, a respeito do poeta: "António Nobre é, na verdade, uma como que expressão última, requintada por isso mesmo, do Romantismo no que êle tem de egotismo fechado."¹⁷

Entretanto, observa o crítico que ele, "na vaga efusão de certos poemas, nalgumas liberdades de ritmo, na sugestividade das imagens e dos símbolos, na luz crepuscular que tudo envolve, acusa nítidas afinidades simbolistas."¹⁸

Embora muitas vezes mergulhassem ou tentassem mergulhar no Inconsciente, os simbolistas, como se tem repetido, restauraram a subjetividade romântica sob alguns aspectos. Por isso era de se esperar que António Nobre, com seu temperamento exacerbadamente romântico, se realizasse poeticamente dentro do Simbolismo. Foi ele menos radical do que outros, como Eugénio de Castro (que afinal era um temperamento clássico), e isso levaria Vitorino Nemésio a escrever:

É até caso para se perguntar se há realmente direito de se chamar simbolismo à poesia confessional do Só. À parte certa gíria literária do tempo — as maiúsculas, as sinestesias, as imagens litúrgicas —, o estilo do Só é castigo, nosso, coloquial, irredutível a outro algum. Queremos falar criticamente do Só, e ele recusa-se, foge do terreno crítico como uma recordação de família que não suporta outra estima senão a do coração.¹⁹

Com o seu pouco radicalismo e seu coloquialismo tão português, entretanto, pensamos que António Nobre foi um poeta do seu tempo, ou seja, um poeta simbolista, dos maiores que teve esse movimento em Portugal.

4. NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) CASTRO, Eugénio de. Oaristos. In. — **Obras poéticas de...** Lisboa, Lumen, 1927, v. 1, p. 23.
- 2) Cf. PEREIRA, José Carlos Seabra. **Decadentismo e Simbolismo na poesia portuguesa.** Coimbra, Coimbra Editora, 1975, p. 136-7.
- 3) CASTRO, Eugénio de. Op. cit., p. 13-4.
- 4) CASTILHO, Guilherme de. **António Nobre.** Lisboa, Arcádia, s/d. (Col. A Obra e o Homem, v. 14), p. 135-6.

- 5) MICHAUD, Guy. **Méssage poétique du Symbolisme**. Paris, Nizet, 1947, p. 236.
- 6) Síncope não assinalada em "esperança", que deve ser lido como "esp'rança".
- 7) CASTILHO, Guilherme de. Op. cit., p. 149.
- 8) Sobre essa designação de trimetro perfeito e imperfeito, cf. nosso estudo "Ainda o verso trimetro", **Aspectos**. Fortaleza, Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social do Ceará, (5): 33-45, 1973.
- 9) MOISÉS, Massaud. **A Literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo, Cultrix, s/d., p. 369.
- 10) ————— p. 368.
- 11) Está "Jobes" na edição consultada; seria mais lógico "Jobs" ou "Jós", para que o verso conte 12 sílabas.
- 12) PEREIRA, José Carlos Seabra (Op. cit., p. 142), falando precisamente deste poema, chama a atenção para a "construção intradialogante ou ironicamente contrapontada", que lembra Jules Laforgue.
- 13) BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira (Antecedentes da Semana de Arte Moderna), 1964, v. 1, p. 79.
- 14) CASTILHO, Guilherme de. Op. cit., p. 167.
- 15) ————— p. 193.
- 16) AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **A Técnica do verso em português**. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1971, p. 38.
- 17) CIDADE, Hernâni. **O Conceito de poesia como expressão da cultura**. São Paulo, Livraria Acadêmica, 1946, p. 276.
- 18) ————— p. 279-80.
- 19) NEMÉSIO, Vitorino. **Conhecimento de poesia**. Lisboa, Verbo, 1970, p. 100.